

RECEPÇÃO E VISIBILIDADE DO VOLUME LA POÉSIE DU BRÉSIL –
ANTHOLOGIE DU XVI^e AU XX^e SIÈCLE NO SISTEMA CULTURA FRANCÊS

Rosalia Rita Evaldt Pirolli (UFPR)

RESUMO: A literatura brasileira traduzida tem, pouco a pouco, conquistado espaço dentro do rígido sistema cultural francês. O aumento da visibilidade pode ser atribuído, em graus distintos, a uma série de iniciativas, tais como uma maior exposição midiática do Brasil na imprensa internacional, a presença constante de autores e de editoras em grandes eventos literários e a ampliação do Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior. No entanto, esse vigor da literatura brasileira traduzida se estende majoritariamente à prosa de ficção. A poesia brasileira em tradução ocupa ainda uma posição de quase invisibilidade dentro desse sistema cultural. Dessa forma, é notável a publicação da antologia *La Poésie Du Brésil: Anthologie bilingue du XVI^e au XX^e siècle* (2012), organizada por Max de Carvalho. Tomando essa antologia como ponto de partida, procuraremos compreender como se deu a recepção dessa obra no sistema cultural francês. Um parâmetro valioso para compreender tal percurso, como aponta Rissardo (2015), é voltar os olhos para a mídia, analisando a recepção desse título na grande imprensa francesa.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia brasileira. Tradução. Recepção. França. Brasil.

1 Poesia brasileira traduzida no sistema cultural francês

A produção literária brasileira tem, progressivamente, conquistado espaço na França, apesar de o sistema cultural francês incorporar menos elementos estrangeiros e ser menos receptivo às influências e às inovações de outros sistemas culturais mais periféricos, como é o caso do brasileiro (EVEN-ZOHAR, 2012). Essa visibilidade se consolida sobretudo a partir da década de 1950, se intensificando e atingindo seu auge nos anos 2000, com a publicação anual de uma média de vinte obras de literatura brasileira traduzida. O aumento da circulação dessa literatura no sistema cultural francês não se deu ao acaso e pode ser atribuído, em graus distintos, a uma série de iniciativas:

uma maior exposição midiática do Brasil na imprensa internacional; uma aproximação diplomática entre os dois países, mediada por eventos tais como o Ano do Brasil na França (2005) e o Ano da França no Brasil (2009); a organização e a publicação do catálogo *França-Brasil* (2005), que se tornou uma importante referência em relação aos produtos culturais brasileiros disponíveis em tradução; a realização de duas edições do Salão do Livro em Paris, tendo o Brasil como país homenageado, em 1998 e em 2015; a presença crescente de autores e de editoras em eventos literários. Além disso, é preciso salientar que houve um crescimento significativo de investimentos na área de traduções de literatura brasileira, graças principalmente ao Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, gerido pela Fundação da Biblioteca Nacional.

Entre 2000 e 2013, foram traduzidos e publicados, segundo Spézia (2015), 193 títulos de literatura brasileira no mercado francês. O jornalista e editor Bolívar Torres (2015) estima um crescimento editorial ainda mais acelerado nos anos seguintes: 42 títulos publicados em 2014, contra metade desse número em 2013. Várias editoras francesas como a Métailié, a Gallimard, a Chandeigne, a Albin Michel, a Seuil e a Asphalte acolhem, em seus catálogos, coleções dedicadas à literatura estrangeira no geral, contendo um pequeno apanhado de títulos brasileiros. Entretanto, esse quadro de relativa visibilidade da literatura brasileira nesse sistema cultural se estende, majoritariamente, à prosa de ficção: dentre os livros traduzidos e publicados no período indicado, temos 148 volumes de prosa (romance, crônica ou conto) contra apenas 38 livros de poesia. Nesse sentido, se a prosa brasileira parece ter encontrado um espaço nesse sistema literário, ainda que minoritário, “a poesia [ainda] ocupa uma posição mais periférica” (SPÉZIA, 2015, p. 61).

A publicação de poesia se encontra sob a responsabilidade de editoras menores, assumidamente não comerciais ou que têm uma política editorial geral mais sensível à publicação de poesia. Para Rissardo (2013, p. 6), a atuação de atores locais como editores, tradutores e até mesmo jornalistas culturais, nesse caso, é imprescindível no processo de divulgação dessa produção poética estrangeira. Nesse quadro, é notável o trabalho da editora Chandeigne, fundada em 1992 com o propósito inicial de publicar *récits de voyage* que recuperassem a empreitada marítima europeia. Porém, essa editora foi, progressivamente, abrindo seu catálogo para outros gêneros, possibilitando a

criação de uma coleção chamada *Bibliothèque lusitane* que, segundo a apresentação na página virtual da editora:

Oferece ao público francês, ao lado de obras históricas e sociológicas (*Le Fado, Les Portugais à Paris, Histoire du Brésil*, etc), uma seleção de autores, portugueses (Luís de Camões, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, Herberto Helder, Eduardo Lourenço), brasileiros (Machado de Assis, Guimarães Rosa, Luiz Ruffato, etc) e africanos (Mia Couto, Suleiman Cassamo) (CHANDEIGNE, s/d).

A editora capitaneada por Michel Chandeigne desempenha um papel central para a tradução, publicação e divulgação da literatura brasileira no sistema cultural francês, tendo sido responsável por doze publicações desde 2012, incluindo o volume tratado mais especificamente neste artigo, a coletânea *La poésie du Brésil: Anthologie du XVI^e au XX^e siècle*. A antologia, que recebeu subsídio financeiro da Fundação da Biblioteca Nacional e da região Île-de-France, foi idealizada para preencher uma lacuna no mercado editorial francês relativamente à poesia brasileira traduzida. A última antologia dedicada a essa produção, editada nos anos 1980, se encontrava fora de catálogo e já não circulava mais. O ambicioso projeto de criação de um volume que pudesse dar uma ideia mínima acerca da variada produção da poesia brasileira foi entregue, então, ao poeta e tradutor Max de Carvalho, responsável pela seleção e organização da antologia, que contou com a colaboração de Magali de Carvalho, também tradutora, Françoise Beaucamp, consultora linguística e de outros tradutores como Ariane Witkowski, Isabel Meyrelles, Inês Oseki-Dépré, Patrick Quillier e Michel Riaudel.

2 A antologia *La poésie du Brésil*

Esse volume contraria o problema mais comum das antologias, referente à “limitação do tamanho ou [do] espaço” (LEFEVERE, 2007, p. 201) dedicado à literatura ou ao gênero contemplado. Na apresentação assinada pelos editores, o projeto é descrito nos seguintes termos, que serão recorrentemente evocados pelas resenhas e artigos publicados na imprensa francesa: a monumental dimensão da empreitada, distribuída em mais de 1500 páginas e 132 autores, e a sua vocação panorâmica em relação à produção poética brasileira compreendida entre os séculos XVI e XX.

Além disso, outra nota interessante, que será desenvolvida no prefácio, assinado pelo antologista, é a imagem desse conjunto de poemas como um florilégio, uma *brassée de poèmes* potencialmente capaz de trazer a lume uma produção poética praticamente desconhecida no universo francês. Essa criação poética, selecionada e harmonizada pelo tradutor, seria capaz de transportar o leitor a uma viagem sensorial, realizada sob o signo da exuberância, da vertigem e do exotismo, tendo como destinação o território paradisíaco dos trópicos brasileiros. Na impossibilidade de dar uma dimensão exata dessa extensa produção poética, o antologista seria o responsável em selecionar poetas e poemas que pudessem oferecer um panorama o mais variado possível.

Mais que uma antologia, este volume é um convite a uma viagem sensorial, à celebração de uma desmedida particular do Brasil. Trata-se de um buquê de poemas, ritmados pelo esplendor das paisagens, compondo um catálogo maravilhado que exalta o sabor da ilha Brasil através de seus frutos, de sua flora, de sua toponímia pontilhada de nomes indígenas, etc. Prova suficiente de que o poeta brasileiro estaria condenado a deixar transparecer, apesar de sua vontade, essa vertigem dos sentidos e essa exuberância da natureza. (CHANDEIGNE, 2012)

Dessa forma, segundo Carvalho, a própria poesia brasileira, assim como seus criadores, não poderia escapar dessa *ivresse des sens* proporcionada pela desmesura de seu país natal. Apesar de sua pretensão panorâmica, o projeto não deixa de contemplar uma das representações mais fortes relacionadas à cultura brasileira no sistema cultural francês: a do exotismo – que é particularmente reforçada por um apreço particular do tradutor, brasileiro que nunca residiu efetivamente no país, pela exuberância quase sufocante da natureza tropical.

Não podemos nos esquecer também que essa antologia, assim como qualquer antologia, é concebida para um público potencial (LEFEVERE, 2007, p. 202). Dessa forma, qual seria o alcance de uma antologia de poesia brasileira que negasse completamente a dimensão tropical desse país? Como veremos na sequência, certos aspectos de uma representação estereotipada do Brasil e, conseqüentemente, de sua literatura ainda são produtivos na imprensa francesa. No entanto, alguns traços indicam uma sutil mudança em direção ao reconhecimento da originalidade e da potência de nossa produção literária.

2.1 Recepção e visibilidade de *La Poésie du Brésil* na grande imprensa francesa

Uma das formas de compreender a recepção mais imediata da literatura brasileira no sistema cultural francês é percorrer a mídia, tomando-a como uma espécie de “termômetro de avaliação da visibilidade da nossa ficção no exterior” (RISSARDO, 2015, p. 6). Além disso, essa pesquisadora aponta também que, desde o mais recente Salão do Livro em Paris, a imprensa francesa tem se mostrado, de modo geral, mais sensível e atenta à pluralidade formal e temática da literatura brasileira, destacando autores e obras que escapam dos estereótipos usuais do exotismo tropical e do brutalismo urbano. Uma prova desse novo olhar da mídia cultural francesa é o fato de que a antologia de poesia brasileira da Chandeigne não passou, de forma alguma, em brancas nuvens, tendo recebido uma significativa atenção por parte da imprensa. Neste trabalho, iremos olhar mais atentamente para as notas e resenhas publicadas nos jornais *Le Monde*, *L’Humanité*, *La Croix* e *Libération*. Outros jornais de ampla circulação também noticiaram o lançamento, porém, recorrendo sobretudo ao *press release* da própria editora. Por ora, esses casos serão deixados de lado.

As quatro publicações aqui analisadas, apesar de suas linhas editoriais bastante distintas, não pouparam elogios à empreitada de Chandeigne e de Carvalho. Na breve nota publicada pelo jornal *Le Monde*, tanto em seu suplemento literário, o *Le Monde des livres* quanto em sua versão digital, a jornalista recupera os mesmos pontos do texto de apresentação assinado pelos editores, já mencionado anteriormente. A antologia é apresentada como “uma antologia suntuosa [e] um florilégio inesgotável” (PETILLON, 2013), colocando, em primeiro plano, o impressionante aspecto de sua dimensão – temporal e física. Além disso, a jornalista não escapa de trazer à tona o tema da viagem, introduzido não pela antologia, mas pela menção inicial ao *Prose du Transsibérien*, de Blaise Cendrars, obra que trata, sobretudo, do transe poético que revestiria as grandes viagens intercontinentais. O nome de Cendrars funciona como uma ponte, pavimentando o caminho das ligações culturais já estabelecidas entre esses dois países. O Brasil, que fascinou e serviu de matéria fértil para o escritor e viajante francês, se mostra então disponível à *portée de main* do leitorado francófono, desvelando “a vitalidade criadora dessa poesia, em que transparece a exuberância e o esplendor da ilha Brasil” (PETILLON, 2013).

A resenha do jornal *L'Humanité*, assinada por Alain Nicolas, é um pouco mais interessante do que a nota quase protocolar publicado pelo *Le Monde*. Com o sugestivo título de “Brasil, poesia de um continente esquecido”, o jornalista inicia seu texto, fazendo um surpreendente *mea-culpa* (para a eurocêntrica imprensa francesa):

Se a poesia brasileira goza, na França, de uma grande reputação, tal reputação se baseia sobretudo na ignorância ou em mal-entendidos. Nós conhecemos apenas alguns autores recentes, relacionados à música, à literatura de cordel nordestina e outros grandes nomes, tais como Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, eventualmente Mário Quintana ou Moacyr Felix. O resto é imaginado, com toques de clichê carregados de exotismo ou de um limitado conhecimento da prosa latino-americana ou ainda, por outro lado, como uma sombra projetada da poesia portuguesa. (NICOLAS, 2012)

Com essa afirmação, Nicolas critica a permanência dos estereótipos relacionados ao Brasil e o seu funcionamento enquanto filtros que dificultam uma recepção menos restrita e menos simbolicamente carregada da literatura brasileira. Ao mesmo tempo, o jornalista reivindica a posição de originalidade e de autonomia dessa produção poética na república mundial das letras. Em seguida, Nicolas examina a constituição da antologia, passando do inevitável elogio sobre sua dimensão *titanesque* ao fio condutor do projeto, que reúne, lado a lado, os cantos e mitos indígenas, a produção de poetas mais obscuros de séculos passados e vozes mais contemporâneas e familiares ao leitor de poesia brasileira traduzida, como Carlos Drummond de Andrade, por exemplo. Além disso, diferentemente da nota de Petillon, Nicolas não deixa de lembrar que se trata de uma obra de poesia traduzida, nomeando todos os tradutores envolvidos no projeto. Para fechar sua resenha, o jornalista não deixa de fazer um vaticínio sobre a sorte dessa publicação, confirmando o seu caráter de obra incontornável para os amantes do Brasil e de sua poesia.

O crítico Patrick Kéchichian, em sua nota publicada no jornal católico *La Croix*, também evoca a monumentalidade da antologia, mas desloca o olhar do leitor para o trabalho de fundo dessa empreitada, mencionando a subjetividade racional que delineou as escolhas efetuadas por Max de Carvalho. Para o crítico, o volume de poesia brasileira “compreende efetivamente todos os territórios da poesia brasileira, da sua pré-história indígena até os dias de hoje” (KÉCHICHIAN, 2012). Sobre essa última parte, Kéchichian comete um pequeno lapso: o volume em questão pretende preencher um vazio em relação à poesia brasileira traduzida no sistema cultural francês, segundo uma

afirmação do próprio Michel Chandeigne, em uma entrevista a Sophie Nauleau, para a *France Culture*, sem, no entanto, se estender à produção poética brasileira mais contemporânea. Apesar desse pequeno deslize, essa nota é a única, dentre os textos analisados neste trabalho, que consagra algumas linhas ao aspecto tradutório da antologia em si, pinçando uma afirmação de Max de Carvalho, retirada de seu prefácio, que funciona como uma explicitação do procedimento adotado tanto na seleção dos poemas, quanto no processo de tradução. O esforço tradutório, na antologia, seria de “oferecer flores vivas, ao leitor, e não coroas funerárias” (KÉCHICHIAN, 2012). A antologia é vista, portanto, sob a ótica de um leitor exigente, que espera um trabalho que possa recriar, em língua francesa, a expressividade e o vigor da produção poética brasileira. Nesse sentido, o crítico é enfático: *chapeau* para o organizador da antologia, que parece ter cumprido perfeitamente o seu propósito.

O último artigo, assinado pela crítica literária Louise de Crisnay, no jornal *Libération*, vai contra a brevidade dos textos observada até então. A resenha intitulada “O Brasil, terra de versos”, começa com uma provocação oswaldiana, qualificando a antropofagia brasileira como “um moedor implacável das inibições mais sólidas” (CRISNAY, 2012). Segundo essa crítica literária, esse procedimento do modernismo brasileiro, “deglutindo, sem reservas, a herança estrangeira” (CRISNAY, 2012), pode fornecer ao leitor francês a chave de leitura mais adequada para a antologia. Não se trata de uma simples viagem a um território estrangeiro, mas sim de um passeio exigente, um retorno necessário no qual o leitorado francês poderia se entregar ao jogo da assimilação do Outro por intermédio da inédita reunião de quatro séculos de poesia brasileira. A paisagem poética, no entanto, ainda é vista de um ponto de vista etnocêntrico e o Brasil como um “laboratório exótico” (CRISNAY, 2012) para o *flâneur* europeu.

O trabalho do antologista é louvado, pela liberdade que proporcionaria ao leitor, pois os poemas são apresentados em ordem cronológica, localizando todo texto de acompanhamento – notas e biografias – no final do volume. Dessa forma, a leitura da produção poética seria entregue aos próprios poemas, proporcionando uma recepção “mais livre”, menos controlada pelas anotações do editor ou do tradutor. Dentre os autores que figuram no volume, Crisnay destaca a presença de um grupo de poetas, “dos marginais inflexíveis, mas nem sempre necessariamente marginais” (CRISNAY, 2012), citando nomes como Souzaândrade (e a sua “redescoberta” por Haroldo de Campos), Augusto dos Anjos e Ferreira Gullar. Ao lado desses nomes menos familiares ao leitor

francês, Max de Carvalho não deixa, no entanto, de incluir certas presenças incontornáveis, que já construíram sua fama literária no sistema cultural francês, a exemplo de Carlos Drummond de Andrade.

Finalmente, parece-nos que o longo e difícil processo de reconhecimento e legitimação da cultura literária de países periféricos e semiperiféricos na república mundial das letras (RISSARDO, 2015, p. 10) já está em marcha. A circulação de uma suntuosa antologia de poesia brasileira, afirmando a existência e a qualidade de nossa produção poética, é um passo importante para relativizar algumas das ideias preconcebidas a respeito da literatura brasileira no sistema cultural francês. No entanto, como pudemos perceber, por intermédio da análise desse modesto número de artigos da imprensa francesa, certas representações – sobretudo o exotismo – ainda são bastante poderosas e dificilmente poderão ser completamente substituídas no imaginário francês. Entretanto, parece-nos que a antologia de Chandeigne e de Carvalho pode ser um objeto potencialmente subversivo, oferecendo um largo conjunto de imagens alternativas a essas representações exaustivamente repetidas, aguardando, ainda, uma efetiva recepção.

Referências

ANTHOLOGIE DE LA POÉSIE DU BRÉSIL. *Ça rime à quoi*. Paris, France Culture, 24 fev. 2013. Programa de rádio. Disponível em: <<https://www.franceculture.fr/emissions/ca-rime-quoi/anthologie-de-la-poesie-du-bresil/>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

CARVALHO, M. (Org.) *La poésie du Brésil: Anthologie du XVI^e au XX^e siècle*. Paris: Chandeigne, 2012.

CHANDEIGNE. *Notre maison*. Disponível em: <<http://editionschandeigne.fr/notre-maison/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

CRISNAY, L. Le Brésil, terre de vers. *Libération*, Paris, 5 dez. 2012. Disponível em: <http://next.liberation.fr/livres/2012/12/05/le-bresil-terre-de-vers_865365>. Acesso em: 12 fev. 2016.

EVEN-ZOHAR, I. A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário; Tradução de Leandro de Ávila Braga. *Translatio*, Porto Alegre, n. 3, p. 3-10, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/34674/22321/>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

KÉCHICHIAN, P. Poésie. La poésie du Brésil: anthologie du XVI^e au XX^e siècle. La Croix, 10 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.la-croix.com/Archives/2012-11-10/POeSIE.-La-Poesie-du-Bresil-Anthologie-du-XVIe-au-XXe-siecle- NP -2012-11-10-874281/>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

LEFEVERE, A. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

NICOLAS, A. Brésil, poésie d'un continent oublié, *L'Humanité*, Saint-Denis, 22 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.humanite.fr/culture/bresil-poesie-d-un-continent-oublie-509210>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

PETILLON, M. La poésie du Brésil. *Le Monde*, Le monde des livres, Paris, 4 jan. 2013.

RISSARDO, A. Contra o clichê: a prosa itinerante de Bernardo Carvalho e a recepção francesa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 13., 2013, Campina Grande, *Anais...* Campina Grande, 2013.

_____. O enigma da literatura brasileira contemporânea na França: recepção, visibilidade e legitimação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 15., 2015, Belém, *Anais...* Belém, 2015.

SPÉZIA, K. *A literatura brasileira traduzida na França de 2000 a 2013: Uma perspectiva descritiva e sociológica*. 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC, Florianópolis, 2015.

TORRES, B. Mesmo sem apoio, editoras francesas apostam em autores brasileiros clássicos e contemporâneos. *O Globo*, Cultura, 4 abr. 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/mesmo-sem-apoio-editorasfrancesasapostamem-autores-brasileiros-classicos-contemporaneos-15766728#ixzz3WMFeYOqE>>. Acesso em: 10 jan. 2016.